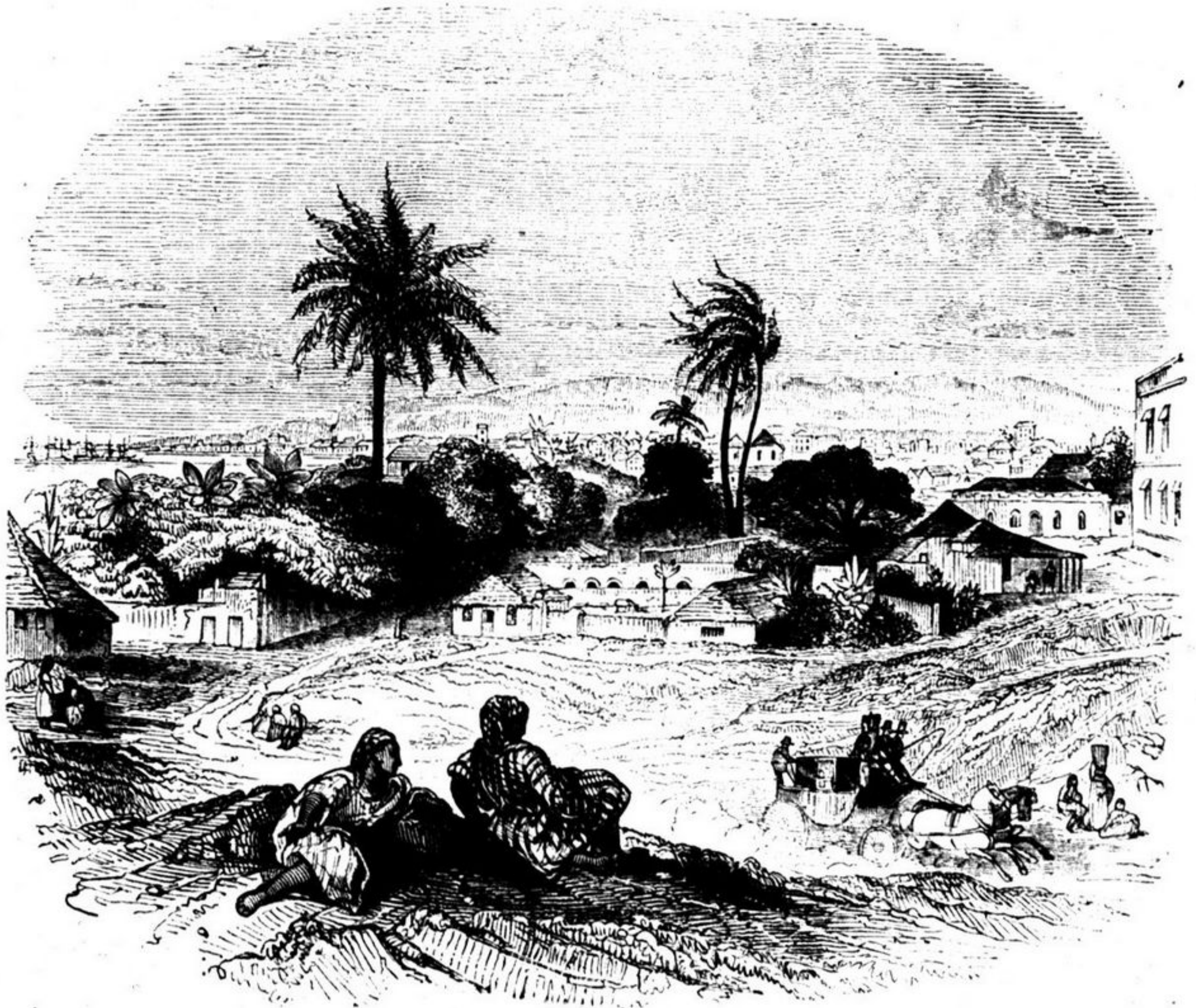


ILHA DA BARBADA

Esta ilha foi uma das muitas, que a audacia dos navegadores portuguezes revelou á Europa, e foi tambem uma das ultimas. Quando nós a descobrimos estava já Portugal em plena decadencia, e o leão de Castella empolgára nas suas garras as quinas portuguezas. Comtudo, devemos dizer

que está demasiadamente desprezada a historia de Portugal durante os sessenta annos em que fez parte do reino das Hespanhas. Os filhos da Lusitania, mesmo reconhecendo como seus monarchas os tres Philippes, mostraram-se dignos dos heroes de quem descendiam. Será bom que reivindicemos a gloria que é nossa, e que os hespanhoes chamam a si, porque a historia universal, não



Ilha da Barbada

distinguindo n'esses sessenta annos Portugal da Hespanha, lhes attribue as grandes ações emprendidas pelos nossos antepassados.

Assim, por exemplo, o grande navegador Pedro Fernandes de Queiroz, que descobriu uma grande parte das ilhas da Oceania, é considerado pela historia como hespanhol, quando elle era portuguez.

Esta ilha da Barbada tambem os portuguezes a descobriram ahi por 1600, sem que se saiba ao certo nem o anno, nem o nome do descobridor, nem o motivo porque lhe deu esse nome visivelmente portuguez. Mas, nós já n'esse tempo não fundavamos colonias, e, depois de a termos descoberto, deixamol-a desamparada, sem aproveitarmos ou sem conhecermos a riqueza dessa joia, uma das mais brilhantes, da grinalda das Antilhas.

Em 1605 alli arribou um navio inglez, em 1624

alli os inglezes se estabeleceram, e em 1628 fundaram a cidade de Bridgetown; a ilha estava então coberta de bosques de madeira tão rija, que houve um trabalho immenso para os deceparem, a fim de estabelecerem a lavoura. Venceu todos os obstaculos a perseverança dos colonos, teimosos como inglezes que eram. Em poucos annos prosperou incrivelmente a Barbada. Quando rebentou na mãe patria a guerra civil, que terminou com a morte de Carlós I no cadafalso, alli se refugiaram muitas familias realistas, que, conservando-se fieis á causa dos Stuarts, recusaram reconhecer a authoridade de Cromwell, proclamado protector. Foi necessario que este enviasse uma esquadra, que a reduzio á sujeição em 1651, não sem difficuldade. Para a punir d'isso prohibio-lhe Cromwell o commercio com o estrangeiro. Esta

circumstancia fez parar o desenvolvimento rapido da Barbada, que uma grande parte da sua população abandonou para ir habitar nas outras ilhas. Custou-lhe depois a recobrar-se das consequencias d'este golpe.

A Barbada é a mais oriental das Antilhas; tem 22 milhas de comprimento, e 10 na sua maior largura. O seu aspecto é formosissimo, o seu clima quente, mas saudavel, coisa rara nas Antilhas. Um recife de coral, que a orla pelo lado do norte e de leste, não permite que se approximem d'ella navios de mais de 50 toneladas; as outras praias são protegidas por boas fortificações. A sua principal produccão é a do assucar. A sua população tem sido muito variavel. Augmentou com inerivel rapidez, mas depois diminuiu sensivelmente. Em 1628, quando os inglezes fundaram Bridgetown, havia na ilha uns cem habitantes. Em 1676 constava de cincoenta mil brancos e de cem mil negros e mulatos. Em 1724 já havia só uns dezoito mil brancos, e em 1786 uns dezeseis mil. O recenseamento de 1832 deu o seguinte resultado: oitenta e um mil e quinhentos escravos, doze mil setecentos e noventa e sete brancos, seis mil setecentos e quatro homens de côr livres.. De 1834 para cá havia de diminuir a população, porque n'essa época foi abolida alli a escravatura.

A capital da ilha, Bridgetown, fica situada á beira da magnifica bahia de Carlisle, unico porto bom da Barbada. É uma linda cidade, d'uns cinco mil habitantes, e que possui alguns bons edificios, entre os quaes se notam a cathedral, cujo orago é S. Miguel, que tem uma torre que pouco se eleva acima do tecto, por causa dos tufões periodicos, que assolam a ilha, e cuja violencia é enorme; o palacio do governador, o tribunal, os quartéis, o forte de Sant'Anna, quasi inconquistavel, e um arsenal bem fornecido de armas e munições. Esta cidade possui alem d'isso algumas bibliothecas e uma sociedade litteraria.

Não sei que invencivel tristeza se nos apodera do espirito ao descrevermos a prosperidade d'esta ilha, descoberta pelos portuguezes, e possuida pela Inglaterra; comparamol-a involuntariamente com o estado miserando das nossas colônias, e não podemos deixar de sentir que, para bem da humanidade, não fossem parar tambem a mãos que os soubessem tratar esses vastos e fertilissimos territorios, que a nossa incuria deixa estar por essa Africa sem cultura nem civilisação.

DESCONFIAI DAS FLORES DURANTE A NOITE

Na obscuridade e durante a noite, as plantas exhalam um gaz venenoso, o acido carbonico. É, pois, mui contrario á hygiene conservar de noite e de dia flores dentro dos quartos de dormir: as flores querem sol e vasta liberdade de atmosphera; captivas, castigam os seus imprudentes admiradores viciando o ar que elles respiram: d'ahi dores de cabeça, vertigens, e, mais ou menos, uma indisposição, uma languidez, cuja verdadeira causa, muitas vezes está longe de ser conhecida.

Muitas senhoras sacrificam a saude ao excessivo amor pelas flores.

HENRI BARTH

Esboço biographico

Uma das perdas que as sciencias geographicas e historicas experimentaram durante o anno de 1865, a do dr. Barth é, seguramente, das maiores e mais dolorosas.

O grande viajante, o intrepido e sabio explorador da Africa central morreu em Berlim no dia 25 de novembro, cheio de vigor e vida, ferido por um d'estes golpes tão rapidos e certos, que matam sem ameaçar.

Henri Barth nasceu em Hamburgo em 18 de abril de 1821. Seu pae era abastado negociante; porém Barth ainda bem novo manifestou a mais invencivel repugnancia por aquella carreira. Mostrou desde verdes annos para o estudo rara assiduidade e admiravel aptidão. Era para elle o trabalho da escola antes vivissimo goso, do que afanosa tarefa.

Em mais de um escriptor lemos, que desde os 12 annos havia traçado o plano de uma leitura methodica de todos os auctores da antiguidade, e este plano seguiu-o com surprehendente constancia, ampliando-o de todas as acquisições subsidarias, bebidas na idade media e tempos modernos, que são proprias para fortificar e desenvolver fructuosamente as noções aprendidas nos valiosos livros, que a antiguidade nos legou.

Com semelhante disposição de espirito e tal ordem de estudos, Barth no seculo XVI ou XVII havia de ser um laborioso erudito: n'esta época o saber sério e solido d'elle impellio-o para as investigações activas, e produziu um dos viajantes, que serão honra e gloria d'este seculo.

Em 1830, Barth vai a Berlim para ali cursar as aulas universitarias. Coração impetuoso, imaginação impacientemente ardente, quiz beber em todas as fontes. A archeologia grega e romana, as antiguidades germanicas, a historia de todas as épocas, a philosophia antiga e a escolastica, o direito allemão e o direito romano, tudo abrangeu simultaneamente: coisa rarissima, senão unica, tinha tempo para devorar tantas sciencias!

As sciencias phisicas, parece que o occuparam menos; aprendia, porém, escutando as lições do mais eminente geographo do presente seculo, Karl Ritter, a encarar o estudo da terra nas suas relações elevadas e fecundas, e a não separar este estudo do da historia da humanidade.

Receiava-se que a attenção disseminada não tocasse senão mui de leve na superficie das coisas, deixando por isso de profundal-as. Um pensamento predominante produzia felizmente a unidade n'esta multiplicidade de investigações, e encaminhava-as por uma direcção commum, sem a qual não é fructifero qualquer estudo.

A idéa constante a que alludimos, era a antiguidade classica.

As lições de Bœckh contribuíram muitissimo

para fazel-o persistir n'aquella idéa. O illustre philologo havia promptamente distinguido e tomado grande affeição ao joven estudante, no qual transparecia, a par d'esta rara aptidão para as sciencias historicas, uma energia de vontade que mais tarde havia de manifestar-se brilhantemente.

Ao encerrar o seu primeiro anno da universidade, Barth sentio o vehemente desejo de ver uma parte, pelo menos, dos paizes que foram o theatro dos grandes acontecimentos do mundo antigo.

Seu pae forneceu-lhe os meios de emprender uma viagem á Italia. Passou 4 mezes em Roma e muitas semanas na Sicilia. Ainda impressionado pelas solidas lições de Ritter, Barth abraçava com a vista, em presença dos monumentos das suas civilizações mortas, todo o theatro onde ellas se desenvolveram. Desde então concebeu o tentador projecto de uma longa viagem, a qual, todavia, só decorridos 4 annos se verificou.

Queria executar o periplo do Mediterraneo, ver os logares que foram os focos da chamada, talvez impropriamente, civilização antiga, Tyr, Carthago, Cyrene e Alexandria e as plagas tão admiraveis e formosamente recortadas, onde o genio hellenico, manifestando-se debaixo de suas multiplas faces, mostrou ao mundo, pela primeira vez, até onde pode chegar o espirito humano na poesia, arte e liberdade. Esta excursão de Barth a Roma e a Syracuse teve no destino d'elle uma influencia decisiva. Abriu-lhe as portas de um esplendoroso futuro.

Regressando a Berlim prosegue os estudos universitarios, e continua-os ainda durante 3 annos, até 1844. Na these latina para o doutorado dedicada ao seu excellent professor e amigo Bœckh, na qual toma por assumpto a historia de Coryntho, vê-se estampado o cunho da sua preocupação dominante. O pensamento da grande viagem ás extensas, poeticas e historicas ribas do Mediterraneo não o abandona, pelo contrario, havia amadurecido e fortificado com a reflexão.

A ausencia devia ser mui longa e a despeza crescida; pouco mais ou menos 9 contos de réis da moeda portugueza. Não o faz, porém, sustar esta consideração na execução do porfiado empenho.

No fim de janeiro de 1845 dirige-se a Londres; passa dois mezes curvado sobre as ricas colleções do *museu britannico*, ao mesmo tempo que encetava o estudo dos primeiros elementos da lingua arabe, cujo uso lhe era essencial. D'ali parte para França. Atravessa este paiz e a Hespanha, como viajante que tem um fim, que parece lhe tarda alcançar, não, comtudo, sem lançar um golpe de vista sagaz e curioso por sobre os interessantes logares onde passa e, essencialmente aquelles que accordam uma emoção poetica, ou lembram um facto notavel.

Em 7 de agosto saltava em terra africana.

Era ali que começava realmente a viagem. Costeia Marrocos; penetra em Argel, onde o impressiona o trabalho activo da transição, que se opera sob a influencia da civilização europea; corta em

diversos sentidos as regencias de Tunis e Tripoli; contorna as Syrtes; visita a Cyrenaica, cuja contemplação desperta na alma recordações historicas tão antigas; costeia a ilha de Chypre e a Asia Menor, toca em Constantinopla; lança um olhar por sobre o que foi Grecia e entra na Allemanha pelo Adriatico.

Tal foi, pois, o seu itinerario. A relação d'este devia abranger dois volumes, dos quaes um apenas se publicou, e é esse que leva o leitor ás portas do Egypto. Intitula-se, «Excursões pelas regiões litoraes da Africa carthagineza e Cyrenaica,» *Wanderungen durch das Punische und Kyrenaische Küstenland*; é essencialmente pelos detalhes geographicos que se assignala a discussão da situação das localidades antigas. A idéa primitiva do viajante talvez comporte algumas pesquisas mais diffusas e sérias acerca do estado das populações, dos destinos historicos d'ellas e da influencia do desenvolvimento do estado social, nas suas relações com as condições physicas d'esta zona meridional do Mediterraneo; considerações de que Volney deixou tão excellentes modelos para o Egypto e Syria. Talvez que Barth houvesse reservado para a segunda parte, que devia terminar a obra, os desenvolvimentos que suggere aquelle vasto e bello assumpto do papel do Mediterraneo na historia da humanidade.

Uma circumstancia imprevista vem surpreender Barth em meio d'aquelle relevante trabalho, para novamente o arrojara na carreira activa das explorações.

Preparava-se em Londres uma expedição destinada ao interior do Sudan, expedição cujo plano havia traçado James Richardson e que teria, como a d'Oudney e Clapperton, em 1821, ou, com mais propriedade, como todas as expedições inglezas, um caracter conjunctamente commercial e scientifico.

James Richardson escassa sciencia possuia;urgia, pois, aggregar-lhe bons observadores. Por instigação do eminente sabio Bunsen, n'aquella conjuntura embaixador da Prussia em Londres, foi á douta e admiravel Allemanha que a Inglaterra os requereu. A respeitabilissima sociedade de geographia de Berlim indigitou o doutor Overweg, naturalista distincto, grande especialista em geologia, o qual, sendo oriundo de Hamburgo, determinou o seu compatriota Henri Barth a reunir-se á expedição.

A posição dos dois mancebos allemães era a principio inteiramente subalterna; todavia o desenvolvimento imprevisto que adquirio aquella memoravel empreza, os descobrimentos famosos que a illustraram, o vivissimo e persistente interesse que todos lhe ligaram, o echo que produziu na Europa e a resplandecencia que a coroou, tudo isso é devido ao impulso que lhe imprimiram os dois jovens eruditos desde o inicio d'ella, á direcção que lhe deram, á actividade sobrehumana que manifestaram, e, talvez ainda mais, á fria e perseverante energia que nem um instante sequer afrouxou n'aquelle grande espirito de Barth, no

meio das duras privações que durante cinco annos houve a cortar.

Os companheiros d'elle caem um após outro, extenuados com a fadiga e corroidos pelo clima. Olha em redor, e vê-se sósinho. Em uma occasião quasi sem recursos, no coração d'aquellas regiões ardentes, é cercado por povos ignotos, em paizes onde a cada passo se topa com um perigo, onde cada relancear da vista é uma suspeita ou uma ameaça, e sem meio algum de communicar com a Europa. Durante mezes a vida d'elle está dependente de uma unica palavra, de um acaso, de uma imprudencia ou capricho. Mas que importa? Nada o desvia da sua mira. Observa e estuda. Desde a região do lago Tchad até á mysteriosa Timbuctu, onde consegue penetrar, de toda a parte colhe uma quantidade incrível de informações, no meio dos perigos, como nos momentos da maior tranquillidade.

Tem fé em Deus e em si proprio, e as suas fagueiras esperanças não deverão de ser frustradas.

Foi o unico dos desditosos membros da expedição que tornou a ver a patria após cinco longos annos de trabalhos, fadigas e perigos inauditos! As aclamações com que o saudaram no regresso inesperado d'elle, pagaram em um dia cinco annos de mártirio.

Foi a elle que coube o pezado cargo de desenrolar perante a Europa a longa narrativa d'aquella prodigiosa exploração, sem duvida a mais completa de quantas a nossa época ha produzido. E é por isso que a relação d'ella se estende por cinco grossos volumes, (1) e ainda estes cinco volumes não foram sufficientes para conter tudo. Barth publicou em separado, de 1862 a 1863 uma collecção de vocabularios colhidos em toda a extensão do Sudan. (2) Esta collecção subministra preciosos subsidios á ethnologia africana. Em uma terceira parte, que havia de completal-a, Barth propunha-se a submeter o alludido conjuncto de documentos linguísticos a uma elaboração comparativa, que, indubitavelmente, projectaria grande luz sobre a ethnographia do norte da Africa.

A morte ferio o escriptor antes que elle houvesse imprimido a conclusão do seu trabalho; mas assegura-se que o manuscrito está completamente acabado, e que a sciencia não terá a deplorar uma nova perda além da do illustre viajante.

Barth, depois de regressar á Europa, havia fixado a sua residencia em Berlim, onde a sociedade de geographia o escolheu para presidente.

Havia elle contrahido o habito de fazer cada anno uma excursão scientifica em qualquer parte, pouco visitada, dos paizes classicos. Estas explorações annuaes eram *as suas férias*; uns pequenos passeios em seguida ás suas longas jornadas.

D'esta sorte visitou o norte da Asia Menor, a Thracia, a Macedonia e o Epiro. Estas excursões, que foram successivamente publicadas, são, debai-

(1) Com o titulo de *Travels and Discoveries in North and Central Africa*, 1819-1855. Lond. 1857-1858. A chamada edição franceza e uma ruim traducção de um resumo allemão em 2 volumes.

(2) *Sammlung mit Bearbeitung Central-Afrikanischer Vocabularien*. Gottha, 1862-63, 2 vol.

xo de uma forma modesta, mui interessantes e uteis aquisições para a sciencia.

Barth, por isso, foi tão grande que mesmo nos seus ocios soube servir a sciencia até á morte.

ALFREDO MAY

UTILIDADE DOS CYCLONES

Se os cyclones devastam os paizes que se acham directamente em sua passagem, se fazem correr os navios os maiores perigos, são elles tambem que fertilisam as regiões que visitam espalhando ahi beneficas chuvas. Parece que estes terriveis flagellos teem uma missão a cumprir, e que o seu util effeito excede muito os desastres que causam. A estação invernosa seria a ruina das messes da zona torrida, mirradas pelo ardor de um sol implacavel, se frequentes chuvas não temperassem o clima d'aquellas abrasadoras regiões. É preciso pois que as aguas vaporizadas nas regiões do equador vão ser derramadas nos paizes intertropicaes. Os cyclones são os motores destinados para este transporte: é á sua passagem que se devem as grossas chuvas que fornecem as grandes massas de saes ammoniacaes, d'acido carbonico e de electricidade tão favoraveis á vegetação; chuvas beneficas, cuja acção salutar chega muitas vezes a reparar os estragos causados pelo furacão.

COMO SE FAZ O GELO EM BENGALA

Nunca a temperatura em Bengala desce a ponto de se congelar a agua. Mas, obtem-se alli o gelo artificial, procedendo do modo seguinte: Abrem-se covas pouco profundas que se enchem em parte de palha; sobre a palha collocam, ao ar livre, alguidares cheios de agua a ferver. A agua tem, como é sabido, uma grande força de radiação; espalha abundantemente na athmosphera o calor que contem: ora, o calor perdido d'este modo não pôde ser substituido pelo da terra, porque os alguidares estão separados do solo por meio da palha, que é mau conductor e detem-lhe a passagem. Antes mesmo do sol nascer, a agua dos alguidares está convertida em gelo. Dizem, que para obter esta congelação devem-se escolher noites claras e serenas e durante as quaes caia mui pouco orvalho. É preciso tambem observar que a palha não esteja humida, porque o vapor que d'ella sairia e se elevaria ao de cima dos alguidares, suspenderia a dissipação do calor da agua, ou por outros termos, a sua radiação.

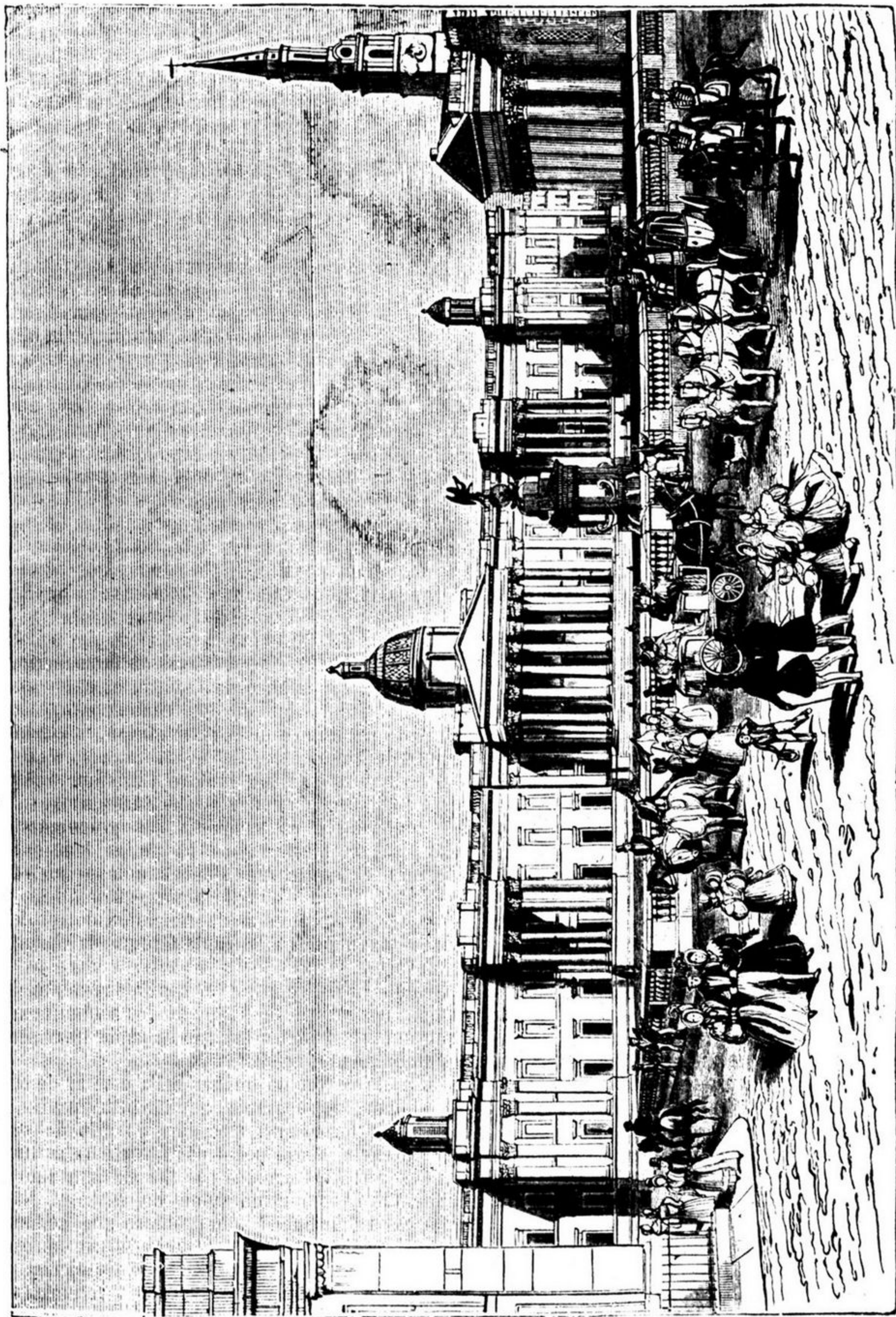
GALERIA NACIONAL DE LONDRES

A immensa capital da Grã-Bretanha é a cidade que talvez possue maior numero de collecções particulares, de galerias, de museus, de edificios destinados a archivarem os productos da arte, e os exemplares zoológicos, emfim tudo quanto chama a attenção, e atrahê a curiosidade dos viajantes.

Os mais notaveis estabelecimentos d'este genero são: *Museu inglez*, edificio enorme, talvez sem ri-

val no mundo, que possuia tamanha quantidade de objectos relativos a sciencias e artes; litteratura, archeologia, etc. que não bastaram trinta annos a uma sociedade de sabios para organizar o catalo-

go; o *Soane's museum* destinado exclusivamente para objectos archeologicos, que atulham vinte e quatro salas, e entre os quaes se distingue um celebre sarcophago de alabastro encontrado nas



Galeria Nacional de Londres.

minas de Thebas; o museu de medicina; o museu de cirurgia; o museu geologico de Saull; o museu de antiguidades de Londres, rico em medallas que sobem até á época do dominio romano; o museu entomologico; o museu zoologico; o museu da Academia Real que possuia cartões de Raphael, telas de Rubens e da maior parte dos pintores; a Galeria Vermon que possui principalmente quadros inglezes, e finalmente a Galeria nacional, que a nossa gravura representa, e cujo edificio se distingue pela sua nobre architectura.

Já veem, por este leve especimen meu, que não era exaggerado o nosso suavissimo poeta João de Lemos quando exclamava, saudoso da sua patria e mirando os esplendores da opulenta cidade ingleza:

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo...
Mas não me encantam a mim.

Tinha razão o grande poeta. Fica-te embora; ó Londres gigante, com a tua Galeria Nacional, os teus muscus, os teus palacios e templos que...

Na minha terra uma aldeia
Em noites de lua cheia
É tão bella, é tão feliz!
Amo a casinha da serra
C'o a lua da minha terra
Na terra do meu paiz.

A BOCCA DO INFERNO

II

Que sol tão brilhante! que lymphida atmosphera! Como entre as arvores gorgeiam contentes os passares! Como a natureza sorri! É um lindo dia de agosto, que convida a viver e amar!

Mas a noite esteve ventosa, e o mar está crespo. Os navios que passam diante de Cascaes vão ao largo e parece que se arreceiam da barra, por causa do vagalhão que alli rebenta sobre os chopos.

Lá se avista um lindo brigue com o panno solto ao vento. Como se emballa sobre as ondas revoltas! Está muita gente na praia observando o brigue, que ora se levanta alteroso no largo dorso de uma vaga, ora parece descer ao abysmo. Demanda a embocadura do Tejo, pára, observa, hesita e volta de bordo, obedecendo rapido e ligeiro á manobra. O mar na foz referve em cachões; está a maré baixa e a vaga é immensa. Que procura o navio? Navega para a enseada de Cascaes. Aproxima-se; pára; ouve-se o apito do official marinheiro; o panno ferra-se. Segue-se um ruido surdo. É a amarra que passa velóz pelos escouvens; é o brigue que dá fundo!

A população de Cascaes corre quasi toda á praia para reconhecer o navio. De bordo larga uma lancha, levada a oito remos, e trazendo, sentado a ré, um official de marinha.

O sol reflecte-lhe nos galões de ouro da farda e do bonet. Na praia, alguns corações femeninos batem de curiosidade e ancia por ver de perto o official que traz os cordões do leme, guiando

tão bem a fragil embarcação sobre as ondas furiosas, sereno e intrepido, como valente marinheiro que é.

A lancha ábicou, e um gentil moço de 24 a 25 annos saltou em terra. Era segundo tenente. Na physionomia tinha esses traços severos que revelam energia e denodo. A cabeça era de um bello perfil grego. Tinha o rosto tostado pelo queimor do sol intenso dos tropicos.

Os olhos eram negros e grandes; a barba preta e bem talhada. Por baixo do bigode alvejavam-lhe magnificos dentes, cuja brancura faria inveja ao mais puro marfim da Ethiopia.

Entre as diversas familias que n'aquella época se achavam em Cascaes, havia uma que constava somente de tres pessoas, e cuja descripção vou rapidamente esboçar.

D. Thereza de Brito era viuva de um velho fidalgo, administrador de vinculo, e morto havia tres annos. Ficára com um filho, que por direito de varonia herdára o morgado, e uma linda filha de 21 annos, com quem Deus fora prodigo em graças. Christina era o seu nome—Christina Adelaide, se não me engano. Havia no seu rosto uma suavidade melancolica que encantava. Advinhava-se-lhe no olhar languido um mundo de mysterios. A boca, da côr vermelha do cravo, sorria esses sorrisos meigos que enfeitiçam. Os cabellos preciosos completavam aquella linda imagem de mulher, que representada na tela, os apostolos da arte tomariam por ficção, por sonho, por alguma inspirada visão de Cimabue, Rembrandt, ou Rafael.

Na fronte de Christina havia, além da belleza attraente da forma, esses reflexos de luz superior, que são o poder fatidico da fascinação, e que parece terem sido o segredo dos triumphos de Cleopatra, de Aspasia, e de lady Hamilton, a celebre amante de Nelson.

A formosura do rosto juntava Christina a perfeição escultural da figura. Realisava na suavidade dos contornos e na harmonia das proporções o bello ideal da plastica, que na antiguidade pagã celebrára o Jupiter de Phidias e a Venus de Praxiteles. Tinha d'aquelle a magestade, desta a formosura. No porte o ar de soberania do rei dos deuses—nas feições a languida ternura da amante de Mavorte.

Quando Christina passava, com a sua figura de rainha, nos saraus de Lisboa, todos a admiravam como um grande astro que não se podia fixar sem deslumbramento.

Eu gosto de ver na mulher bella esse ar de superperiodidade, de soberania, que tão bem quadra á realza da formosura. Christina do alto da sua magnificencia olhava como por favor para as turbas dos cortesãos que aos pés lhe moviam thuribulos, envolvendo-a no fumo do incenso. Não eram esses thuribularios de profissão que podiam captivar-a. Alma elevadissima, aspirava a gozos superiores, que não esses que lisonjeiam a vaidade sem darem ao coração verdadeiros prazeres. Sonhava com o amor, mas na paz, no

remanso, na solidão. Esse que se manifesta, quasi sempre falso, no tumulto dos bailes; que se exprime com phrases parvoinhas e vulgares, a que faltam inspiração e enthusiasmo; que se declara calçando as luvas, endireitando os collarinhos, ou compondo as pulseiras, esse, repugnava-lhe. Coração formapara comprehender tudo que é grande e superior, não poderia nunca impressionar-se pelos sentimentos vulgares e methodicos dos pretendentes de salão.

Christina contava por este tempo 24 annos.

Alguns paes se tinham apresentado a requerer para seus filhos a mão da donzella, mas ella regeitára todos; e quando a morgada um dia lhe perguntou se tencionava ficar solteira, Christina respondeu:

—Não sei ainda, mamã. O que posso dizer-lhe é que só casarei com o homem que o meu coração escolher. Dos que tem até hoje pretendido a minha mão nenhum me agrada. Que quer? Não posso tolerar estas creaturas que apenas sabem fallar dos seus cavallo, e cuja linguagem ás vezes importuna mais do que deleita as mulheres, detadas quasi sempre de instinctos delicados, que elles não comprehendem... Aquelle que quizer ser meu marido ha de amar-me de outro modo.

—Ora ahí está o que se chama ser creança. Creio que o amor foi sempre a mesma coisa em todos as épocas.

—É verdade, mas em todas as épocas houve tolos, e houve homens superiores. Se soubesse como os tolos me enfastiam!

D. Thereza não comprehendeu bem o que Christina queria dizer. Fez um trejeito, e retirou-se dando graças a Deus por ter uma filha com tanto juizo.

É que á morgada faltava o que Christina possuia em alto grau—intelligencia e imaginação. Se é bom ou mau dote, não tento eu discutir. Para a mulher creio que é sempre presagio de desventura.

As imaginações vivas são ricas de visões. Christina teve muitas, visões candidas, que povoam a mente dos adolescentes e arrastam muitas almas para precipicios, em busca da felicidade que o mundo não pôde realisar.

As vezes são estas as imaginações que a sociedade chama desregradas. Christina pertencia porventura a ellas—oh! mas bemdita a mulher que se deixa viver nas regiões doiradas da phantasia, e foge de cair no charco das vilezas e das aberrações moraes, que na linguagem do mundo se chamam conveniencias da razão, e semelhantes.

A. D'OLIVEIRA PIRES

(Continua.)

O QUE ACONTECERIA SE O MOVIMENTO DA TERRA CESSASSE SUBITAMENTE

Superfluo seria dizer que procurando nós responder a esta curiosa questão, lhe não damos por isso mais importancia do que ella deve ter. Que o nosso globo cesse um dia subitamente de girar, é o que nós podemos sem receio declarar impossivel, e isto com toda a auctoridade que

pertence aos principios da mechnica celeste. Da parte do nosso mundo não temos a esperar,—a receiar—essa phantasia. A receiar, porque, com effeito, eis as consequencias inevitaveis que resultariam de semelhante phenomeno.

Convem, porém, antes de tudo, dizer que a velocidade de um corpo situado na superficie da terra compõe-se de dois elementos: movimento de rotação diurna do globo á roda do seu eixo e movimento de translação á roda do sol. Em virtude do primeiro, os corpos collocados no equador terrestre percorrem 417 leguas por *segundo*. Esta velocidade diminue do equador, aonde ella é maxima, para os polos, aonde é nenhuma, por quanto os corpos tem naturalmente tanto menos caminho a percorrer quanto menor fôr o circulo de latitude. Pelo que diz respeito ao segundo movimento da terra, da sua revolução no espaço á roda do sol, todos os seus pontos indistinctamente percorrem 456 leguas por minuto, ou 7 $\frac{1}{10}$ leguas por *segundo*. Poder-se-ha fazer uma idéa d'esta velocidade se se reflectir que um comboio expresso, expedido com toda a força, não anda mais de 16 metros por segundo, e que uma bala de 24 apenas percorre na mesma unidade de tempo 390 metros.

Todos os pontos, que pertencem a um systema material em movimento, sendo animados do mesmo movimento, se, por uma suspensão repentina este systema cae subitamente em repouso, os pontos que se podem descolocar na sua superficie continuarão, em consequencia da velocidade adquirida, a mover-se na direcção primitiva. É em virtude d'este principio que, quando succede um cavallo atrellado a um carro cair de improviso na sua carreira, os individuos que elle conduz, saltam desastradamente por cima da cabeça do pégaso; é ainda em virtude d'este mesmo principio que é preciso tomar certas precauções quem desce de uma carruagem em movimento, a fim de, pousando sabitamente no solo immovel em quanto que o corpo está ainda animado da velocidade adquirida, não ir beijar os rastos do vehiculo.

A terra é, como temos visto, uma carruagem mais rapida do que os omnibus, caleches, wagons. Se parasse de repente, escusado é dizer que, todas as precauções, para evitar uma morte instantanea, seriam inuteis. Todos os objectos que não estão implantados e fixos no solo, que só adherem á superficie pela lei da gravidade, seriam immediatamente e de um só jacto lançados no espaço, com uma velocidade inicial de 8 leguas por segundo, rapidez de que somos dotados presentemente. Os passeantes tranquillos, os trabalhadores e os individuos em repouso, os animaes domesticos e os que vivem nas florestas, os passaros, as nossas carroagens, machinas, em fim, tudo isto se precipitaria de um salto na direcção do movimento da terra.

Quanto ao oceano, que cobre os dois terços do globo, a sua massa liquida, beijando as praias, submergiria, em um abrir e fechar de olhos, as ilhas e continentes, coroando o edificio da morte; de-

pressa galgaria as mais elevadas montanhas e faria passar o nosso globo por uma transformação de superficie como nenhuma das antigas revoluções, que o tem atormentado.

Os theoreticos que se tem entretido em procurar no diluvio biblico uma causa natural não tem deixado por vezes de pôr em scena essa causa poderosa e de afirmar que o choque de um cometa podia facilmente operar a suspensão de movimento e as suas pesadas consequencias. Hoje sabemos que um cometa poderia passar sobre a terra sem que nós dessemos por tal.

Outro facto muito curioso, que se seguiria ao aniquilamento da velocidade da terra, é este. A força centripeta, que attrahe os planetas para o sol, deixando de ser contrabalançada pela força centrifuga, a terra cairia em linha recta no sol. Se houvesse ainda sobre o globo outros seres alem dos peixes poderiam então ver o astro brilhante, que tão pequeno nos parece, crescer, crescer, crescer gigantesamente. A terra chegaria lá 64 dias depois da sua sahida do lugar que occupava e desapareceria na superficie do planeta ardente, como um aerólitho sobre aquella.

O nosso globo não é uma excepção á regra geral; a mesma sorte estaria reservada aos outros planetas, se se achassem no mesmo caso. Assim, se a velocidade de Mercurio, de Venus, de Jupiter, ou de Saturno fosse aniquilada, estes planetas iriam tambem, immediatamente, dar um passeio até ao sol, o primeiro em 13 dias, o segundo em 40, o terceiro em 767, o ultimo em 1900.

Mas, eis-aqui uma cousa ainda mais curiosa.

Está reconhecido que o movimento não pode deixar de existir, assim como atomo algum de materia; pode combinar-se, dividir-se, perder-se em uma certa somma de forças parciaes, mas nunca aniquilar-se. Pode, e é este o ponto importante, transformar-se em calor; e transforma-se effectivamente todas as vezes que parece perder-se como força motriz. Assim, dando-se repetidos golpes sobre um prego cravado e por consequencia immovel; o movimento do motor, não se communicando ao prego, transforma-se em calor: isto facilmente se percebe pelo tacto. Sem multiplicar exemplos, todos tem affirmado por experiencias esta transformação mechanica do movimento em calor.

Ora, se por uma causa qualquer parasse instantaneamente o movimento multiplo que anima o nosso globo, este movimento soffreria a transformação, de que acabamos de fallar. A terra aqueceria de repente;—e quer saber, leitor, em que grau?—A quantidade de calor gerado pela suspensão, equivalendo a um choque colossal, bastaria não sómente para *fundir* toda a terra, mas ainda para reduzir a sua maior parte a *vapor*.

Esta consequencia domina todas as precedentes e absorve-as. A terra deixaria de ser um planeta; a sua massa, o seu volume, a sua densidade, inieiramente mudados, não mais permittiriam as applicações que acima assignalamos, sobre o movimento desordenado dos corpos na sua superficie,

a effusão dos mares, e a queda no sol; todos estes elementos dados pela mechanica seriam modificados segundo o modo mais ou menos rapido com que se tivesse operado o phenomeno.

Se a suspensão em vez d'instantanea fosse um afrouxamento progressivo, cujo complemento demandasse da duração de alguns minutos, a terra poderia tornar-se tão quente que todos os seres vivos que existem na sua superficie perecessem subitamente.

Terminamos estas reflexões como as começamos, dizendo que a questão é mais curiosa que importante, e que, com toda a certeza, podemos dormir tranquilos, e sem os mais leves indicios dos temores imaginarios que ella momentaneamente poderia fazer nascer em nosso espirito.

MONUMENTO ERIGIDO Á MEMORIA DE RENÉ CAILLÉ

A colonia franceza do Senegal, quiz, segundo consta, prestar um testemunho da sua sympathia á memoria de René Caillé, ao qual se devem as primeiras noções positivas relativas á Africa central, mandando levantar em Deboké, assente no rio Nunez, um pequeno monumento em cuja construcção a administração da colonia gastou 4000 francos, (640000 reis prox.)

A inscripção gravada em uma das faces é da forma seguinte:

«Este monumento foi levantado á memoria do illustre viajante René Caillé. Tendo partido d'este logar em 29 de abril de 1827, chegou em 7 de setembro de 1829 a Tanger, havendo passado por TimLuktu »

A. MAY

SONETO

Os poetas, que o são de *raça fina*,
Entenderam que é ter grande finura
Elevar o *sublime* a tal altura
Que o mundo não perceba *patavina*.

É sua linguagem *tão divina*,
Que lhe não mette dente a creatura;
É cuida, ao escutar coisa *tão pura*,
Que ella aos *deuses do olympo* destina:

Chama-se a isto *genio transcendente*,
Que, traduzindo *idéas singulares*,
Não lhe é dado fallar *lingua de gente*:

Estes são da poesia os *luminares*;
Deixam o mundo, e devem, certamente,
No Parnaso habitar *quintos andares*.

J. I. D'ARAÚJO.

Não ha cousa que traga mais certo o somno ás
moças, que a dôr grande: e ás velhas, tira-lho.

B. RIBEIRO

Bemaventurado se pode chamar nesta vida quem
tem dôr que se suporte; pois segundo parece não
se pode viver sem ella, assim, ou assim.

B. RIBEIRO